

# IMAGINÁRIO NA SAGA *CURRAL DE ASSOMBRAÇÕES* DE FONTES IBIAPINA

Deylane Cristiane Sousa Pereira<sup>1</sup>

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar o imaginário na obra *Curral de assombrações*, do autor piauiense Fontes Ibiapina. A obra é tida como saga devido às características presentes que apontam para este estilo narrativo. Por esse motivo, também serão submetidos à análise a composição dos personagens, do tempo e do espaço na obra, visto que são elementos imbricados, complementares e que se desenvolvem na trama formando um cenário característico de saga. Possui como *corpus* a própria produção literária *Curral de assombrações* (1985) que é enriquecido de histórias fantasiosas trazidas da raiz de um povo envolvendo assombrações, crenças e resguardo de uma tradição popular traduzida por uma linguagem peculiar e regional do interior do Piauí. Neste contexto, procura-se evidenciar que a literatura que carrega motivos fantasiosos, imaginários e ligados à maneira de pensar e de falar de um grupo de pessoas é de grande importância para a construção cultural e popular de um povo. A metodologia utilizada é de caráter de pesquisa bibliográfica, pois partiu de consultas diretas às obras de conteúdo teórico sobre os assuntos abordados no trabalho, a fim de embasar as análises aqui propostas.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Curral de assombrações*; Imaginário; Saga; Fontes Ibiapina.

## ABSTRACT

This paper aims to analyze the imagery in the work *Corral hauntings*, author piauiense Sources Ibiapina. The work is seen in this opportunity, as the saga because the features present in the work that point to this narrative style. For this reason, also be analyzed the composition of characters, time and space in the work, since elements are intertwined, complementary and develop the plot forming a characteristic scenery of the saga. The corpus has its own literary haunts *Corral* (1985), which is enriched with fanciful stories brought back from the root of a people involving hauntings, beliefs and guard a popular tradition translated by a peculiar language and regional interior of Piauí. In this context, we seek to demonstrate that literature bearing reasons fanciful, imaginary and connected to the way of thinking and talking about a group of people is of great importance to the construction of popular culture and a people. The methodology used is the character of literature since departed from direct queries to the works of theoretical content of the issues at work in order to base the analysis proposed here.

**KEYWORDS:** *Corral haunting*; Imagery; Saga; Fontes Ibiapina.

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras Português pela Universidade Federal do Piauí e Especialista em Literatura e Estudos Culturais pela Universidade Estadual do Piauí. E-mail: [enalyed2@hotmail.com](mailto:enalyed2@hotmail.com)

## INTRODUÇÃO

O registro da literatura que carrega motivos fantasiosos, imaginários e ligados à maneira de pensar e de falar de um grupo de pessoas é de grande importância para a construção da identidade cultural e popular de um povo, caracteriza de forma individualizada as interações sociais, pensamentos e vivências que contribuem para o enriquecimento e preservação da tradição cultural.

Fontes Ibiapina, na obra *Curral de assombrações*, revela uma linguagem popular e regional ao exprimir aspectos culturais encontrados nas escritas dessa obra piauiense, dando ênfase ao ambiente sertanejo por meio dos espaços descritos, da maneira de ser. A obra em questão traz em seu conteúdo um campo fértil em tradição oral popular, devido às marcas de oralidade registradas durante o contar da sequência de histórias escabrosas e repleta de expressões e ditados populares da região nordestina, mais especificamente o Piauí.

A fim de teorizar sobre o elemento imaginário na obra e melhor compreender a relação que se dá dos personagens no tempo e no espaço, propõe-se nesse estudo analisar a obra *Curral de assombrações* (1985) do escritor piauiense Fontes Ibiapina, buscando verificar a construção fantasiosa e imaginária presentes nos elementos narrativos no decorrer da história.

Utilizou-se a pesquisa bibliográfica para cumprir os objetivos propostos acima, fundamentando-se em material já elaborado constituído de livros, artigos científicos e análises documentais a fim de que o trabalho seja fonte também de contribuição para a expansão dos estudos da literatura piauiense.

### 1. AUTOR E OBRA

João Nonon de Moura Fontes Ibiapina nasceu na zona rural, no lugar chamado "Vaca Morta", a 14 de junho de 1921, na fazenda Lagoa Grande, em Picos, no Piauí, estudou e pesquisou sobre o folclore, os contos, história de

mistérios e expressões populares que ouvia em seu cotidiano. O autor, Fontes Ibiapina, escreveu mais de 30 obras literárias, dentre elas romances, contos, folclore, crônicas, dentre outros gêneros textuais. Muitos de seus escritos foram publicados apenas após sua morte, pois já estavam preparados para a edição quando Fontes faleceu, no ano de 1986, na cidade de Parnaíba, vítima de uma parada cardíaca.

Suas obras carregam em seu conteúdo a marca regionalista piauiense, como uma forma de registro histórico, pois é contextualizada no Brasil a partir da década de 30; memorialístico, pois remete ao passado de um povo; socioeconômico, quando trata sobre a hierarquia e sistema comercial; cultural, resgatando o que há de mais característico e regional de um povo; e linguístico porque usa tom coloquial, provérbios, modismos, dizeres regionais, oralidades, clichês.

A imaginação popular, as crendices e o folclore permeiam sua escrita e dão vida aos personagens que são ricos, ao que diz respeito, ao fantástico literário. Em consequência dessas temáticas, Fontes abordou, em muitas de suas obras, a temática da assombração, das almas, do oculto e sombrio, dentre elas está a obra em análise *Curral de assombrações*.

## 1.2 CURRAL DE ASSOMBRAÇÕES

A obra *Curral de assombrações* narra uma história datada dos fins do século XVIII no sertão do Estado do Piauí na cidade de Picos. A história conta sobre três gerações da família Brandão e mostra, no transcorrer da obra, a transformação do tempo, do espaço e dos fatos transpassados pelos personagens que compõem essa família. Dentro da obra, a família possui o papel de construção de um território, de pioneirismo em posse de fazenda de gado, além de tomar como pano de fundo a sociedade contemporânea à época, seus costumes, crenças e palavreados.

### 1.2.1 SÍNTESE

A obra em questão é dividida em três capítulos à título de repartição de gerações. Cada capítulo há a secção por subtópicos que, em sua maioria, são intitulados a partir do nome de cada personagem de forma individualizada. Para melhor compreensão propõem-se aqui analisar a obra também por capítulos.

- Primeira geração

A marcação do tempo e a descrição do espaço são umas das principais características da obra, pois logo de início descreve-se a periodicidade (1790 a 1800) e o espaço. A fazenda Canivete passou de geração em geração, sendo os “primeiros proprietários” Afonso Ligório Fonseca e Camargo de Macêdo e sua esposa dona Luzia Souza de Alencar. Leopoldo Fonseca era neto de Afonso, portanto herdeiro da fazenda, juntamente com sua esposa Severina Macedo. A personalidade do capitão-mor, Leopoldo, é destacada por ser um homem de muita coragem, mas ao mesmo tempo era benevolente e generoso, acolhia a todos, inclusive Eudácia, sua prima, que fora expulsa de casa pelos pais por ter fugido com Laureano, seu namorado, que por esse motivo acaba morto por escravos a mando da família (exceto Leopoldo e Padre Hermógenes) para lavar a honra.

Após esse episódio de morte, as histórias de assombrações ganham vida através do Cavaleiro da Meia-Noite que se manifestava por meio de gritos, assovios, sempre montado a cavalo durante a calada da noite. A suspeita era de que Laureano era o Cavaleiro que vagava à procura de vingança pela sua morte. Eudácia ao escutar chamava as escravas para rezar e assim espantar a assombração, acreditavam que somente a reza podia afastar a assombração. O acontecido movimentava os comentários na população. Os sustos também eram resultados de aparições de macacos, partes do corpo dentro de panela e vozes que assustavam tanto a todos da fazenda a ponto de fazer a escrava Gonçala enlouquecer. O Cavaleiro da Meia-Noite anuncia a Leopoldo e Severiana que sua vingança ia se

encerrar. No dia seguinte, o tio de Leopoldo, Coronel Venerando morre. Depois disso, o tempo se passa na tranquilidade. São citados acontecimentos históricos como símbolo do decorrer do tempo.

- Segunda geração

Esse capítulo pode ser caracterizado por uma transição de status da família, pois é a partir daqui que há degradações nas sustentações morais e financeiras da família.

Na fazenda não havia mais assombrações até a chegada de Serapião. Marcos Francelino Fonseca era neto de Jerônimo Camargo e filho de Januário Francelino Fonseca, a partir dele se desenrola o enredo. Com a morte de seu pai e tendo dez irmãos, passou a assumir as responsabilidades, mas era descuidado, gastava tudo e tinha vícios, como mascar fumo, beber pinga e ser vaqueiro. Marcos casou-se com Luzia no mesmo dia em que sua irmã, Regina, se casou com Paulo. Regina e Paulo ficam ricos e Marcos e Luzia, pobres com treze filhos. Um desses filhos era Serapião Fonseca de Macedo, um menino calmo e educado.

Diziam que Pinga-fogo (Marcos) não andava só e que havia aprendido rezas com Irineu, negro velho da fazenda Canivete que disse que a reza só serve até o terceiro da corrente e depois ia enfraquecendo e do quarto em diante não haveria prosperidade.

Como não tinham onde morar, Marcos e sua família viviam mudando de endereço, até que se alojaram no que restava da fazenda Canivete, abandonada por fama de amaldiçoada. Na fazenda, o menino Serapião teve muitas visagens, mas tudo era mantido em segredo entre ele e seu pai.

O Moço-das-horas-mortas é uma das visagens<sup>2</sup> do imaginário do personagem Serapião que pedia que rezassem várias missas para ele. O pedido foi seguido a risca por Marcos e o menino. Enquanto isso, os outros integrantes da

---

<sup>2</sup> Visagens: aparição sobrenatural; assombração, fantasma

família sabiam dos acontecidos por terceiros e desconfiavam que Serapião estava para Moço-das-horas-mortas assim como Gonçala para Cavaleiro-da-meia-noite.

- Terceira geração

O tempo se passa e a trama revela a decadência generalizada que vai desde o espaço, a fazenda, até o desprestígio do nome da família de tradição na região.

Serapião se torna homem e muda o comportamento, de quieto passa a festeiro, beerrão, mulherengo, enxerido, feio, baixo, dançava mal, mentiroso, mas era um amigo sincero. Ao contrário do Serapião de santidades, fantasias, o outro não tinha medo de nada.

Em meio as visagens de Serapião, outra assombração chamada Homem-dos-ares aparece, mas dessa vez para as pessoas e é descrito na obra da seguinte forma;

Depois de um tempo, Serapião e Fulgência se casam, eram muito pobres, ele não queria trabalhar por preguiça e por ciúmes dela. Serapião a abandona pobre e com três filhos. Ele vivia em casa de parentes, pedia dinheiro emprestado e não devolvia, vendia orações enroladas com o segredo de nunca abrir, pois estava em branco, torna-se detetive de mulher ciumenta, tinha casos amorosos com suas clientes, tornou-se quiromancista.

Teve muitas mulheres, mas nenhuma o suportou por muito tempo, exceto Ismênia que passou de cliente a amante. Ela o sustentava e depois de três anos juntos ela teve que ir embora por conta dos negócios do marido.

Serapião esbanjava dinheiro em bebida, fica pobre e retorna à família. Adoeceu de bronquite e asma morrendo aos cem anos. O fim regressivo é o desfecho tanto da vida de Severino, como da tradição do sobrenome da família e da própria fazenda Canivete.

## 2. IMAGINÁRIO

A elaboração, na obra *Curral de assombrações*, de Fontes Ibiapina, dos elementos imaginários são propositalmente detalhados e ganham destaque a partir do título da história por explorar a idealização de seres com nenhuma relação com a realidade, mas que fazem parte do cotidiano dos próprios personagens, e também é tido como uma forma de transpor para o leitor o clima de amedrontamento que existia entre as pessoas que acreditavam em mitos, em assombrações e lendas.

Deve-se levar em consideração que a época da obra é delimitada, ocorrendo no fim do século XX, entre 1790 a 1800. Nesse período a crença e a origem de seres estranhos ainda estavam atreladas a mitos, superstições e religiosidade, sendo assim muitas das passagens na obra reproduz a relação entre o aparecimento de assombrações à falta de rezas ou por crenças em mitos.

O imaginário na obra é fruto do vasto valor folclórico enraizado na cultura nordestina, em especial piauiense. Como o enredo da narrativa se passa em Picos, podemos verificar, em meio ao vocabulário regionalista, que a construção dos seres imaginários é feita aproveitando o cenário característico da cidade na época, sendo assim reavivando e reafirmando uma tradição popular.

### 2.1 CONCEPÇÃO DE IMAGINÁRIO

A imaginação é produto de informações e imagens vistas antes que ficam anexadas na memória, ganhando versões ou construções com o decorrer do tempo. Ela é repleta de carga afetiva e emocional capazes de elaborar, intensificar ou atenuar o processo criador. “A literatura de imaginação ou mesmo de criação é a interpretação de mundo por um artista através de palavra. Entretanto o imaginário da ficção, não pode ser confundido com a ilusão, pois, torna-se forma viva, variada e diferente.” (BRITO, 2004, p.25)

O real, que possui as imagens primeiramente conhecidas, é tido como ponto de partida para que a imaginação se inicie, pois nele consiste o valor e a interpretação dos homens às coisas ao seu redor. A partir daí, o imaginário baseia-se no que já existe e o transforma, inventa e modifica. Essa alteração feita pelo imaginário cria relações inusitadas com o que é considerado real. Em seu livro, Pitta (2005, p.44 e 45) esclarece a visão de Gaston Bachelard sobre a imaginação

A imaginação é a capacidade de deformar as imagens fornecidas pela percepção, ela é, sobretudo, a facilidade de nos libertar das imagens primeiras, de mudar as imagens. (...) A imaginação opõe então à natureza das coisas o real, que a ciência procura conhecer, um mundo estritamente irreal, surreal, mas que tem a mesma consistência, a mesma realidade que o real objeto. Pois a imaginação envolve suas imagens de cargas afetivas, atraentes ou repulsivas, que fazem do mundo sonhado um mundo de alta densidade emocional. É por isso que a imaginação vai sempre em direção aos devaneios felizes, por que ela é, afinal de contas, a resposta do querer viver à dificuldade de viver na realidade exterior.

Há elementos que fazem parte do conceito do imaginário, seriam eles a imagem, o símbolo e o simbólico. As imagens funcionam como registro visual capturado por nós e que guardamos em nossa memória, assim “são construções baseadas nas informações obtidas pelas experiências.” (Laplantine, Trindade, 2003, p.10) O símbolo, por sua vez, abrange o campo das interpretações com relação ao real, pois “é todo signo concreto evocando, por uma relação natural, algo ausente ou impossível de ser percebido.” (Pitta, 2005, p.18) O simbólico está relacionado às representações que nos rodeia e que carrega consigo uma carga de sentidos e significados. Sendo assim, “o imaginário, como mobilizador e evocador de imagens, utiliza o simbólico para exprimir-se e existir e o simbólico pressupõe a capacidade imaginária.” (Laplantine, Trindade, 2003, p 23). Esses conceitos são interligados entre si porque se referem ao fluxo do imaginário na construção dos significados e sentidos que possuem valoração conotativa para cada situação.

Nessa perspectiva, o imaginário é resultado imagético que se utiliza do simbólico, representante do real, para expressar-se e existir, sendo assim o simbólico presumirá o desenvolver imaginário. Para Laplantine e Trindade (2003, p.24 a 28), o imaginário é recorrente das imagens que são carregadas de sentimentos, considerando o real, para que, a partir dele, haja o processo de reinvenção.

O imaginário é a faculdade originária de pôr ou dar-se sob a forma de apresentação de uma coisa, ou fazer aparecer uma imagem e uma relação que não são dadas diretamente na percepção. A representação imaginária está carregada de afetividade e de emoções criadoras e poéticas.(...) Para construir o processo do imaginário é preciso mobilizar as imagens primeiras, como dos homens, cidades, animais e flores conhecidas, libertar-se delas e modificá-las. Como processo criador, o imaginário reconstrói ou transforma o real. Ao se libertar do real que são as imagens primeiras, pode inventar, fingir, improvisar, estabelecer correlações entre os objetos de maneira improvável e sintetizar ou fundir essas imagens.(...) O imaginário não é a negação total do real, mas apoia-se no real para transfigurá-lo e deslocá-lo, criando novas relações no aparente real.

As imagens servem para a composição do imaginário como fonte de representação do real, mas não como reprodução ou transposição. O real, ao que nos reportamos, possui o sentido de interpretação que o homem realiza a cerca daquilo que o cerca, diferente do elemento realidade que consiste nas coisas, na natureza e em si própria.

## 2.2 O IMAGINÁRIO EM CURRAL DE ASSOMBRAÇÕES

A saga *Curral de assombrações* traz em seu enredo a construção de um lugar por uma família abastada e de tradição. A fazenda Canivete, por si só, é um espaço

que incute e mexe com o imaginário das personagens da obra, pois no decorrer do tempo as impressões do lugar vão sendo modificadas, como no trecho a seguir

Fazenda largamente farta. Para resumo, basta que se diga de passagem: amansando seus duzentos e tantos bezerros por ano. e gado chancudo – de pé-duro a turino e malabar. Isto sem se contar com três retiros já bem situados Saco da Boa-Vista, Móquem e Cipoaia – entregues a familiares do Senhor. Aquilo ninguém pensava, sequer em sonho, se um dia reduzir-se ao calendário do nada. Mas o tempo, que se encarrega de tudo, quer para construir, quer para destruição, mais uma vez cumpriu o seu dever. Hoje, já não há nem ruínas. Apenas pedras e cacos de louças coloridas num encanto de padronagem atestando um vago rastro de habitação faustosa em pricas eras, sim... também dois moirões-de-porteira, fincados como se dois braços erguidos para os céus apostrofando uma saudade morta de vidas bem vividas às custas de tantas outras bem sofridas. Era uma vez a Fazenda Canivete. (IBIAPINA, p.10)

O imaginário dentro da obra é construído a partir da fazenda e das tramas acontecidas lá. Desde a criação do local, é mostrado que os primeiros proprietários estavam mergulhados em desgosto e saudades de Portugal. Podemos pressupor que esses maus sentimentos cresceram junto com a fazenda, transformando-a em um lugar assombrado e isolado por todos.

A primeira geração é norteadada pelo elemento imaginário Cavaleiro-da-meia-noite, ouvido e fantasiado inicialmente por Eudácia, pois suspeitava-se que ele poderia ser seu ex-noivo, Laureano, que havia sido morto pelos escravos Domingão e Pelegrini e que vagava para justificar sua morte. Uma das suas primeiras aparições é descrita da seguinte forma

Lá pelos fundos silentes da panela da madrugada, um cachorro começava a uivar. Aquele uivo dolente, triste e cheio de pavor. Dali a pouco, todos os demais cachorros da fazenda ladrando em alarido. Uma latomia tremenda. Aquele alvoroço... aí não

se fazia tardar aquele tropelo dum cavaleiro em disparada. Passava na ponta do terreiro. Ia até a um pouco distante. Dali a pouco voltava. Passava outra vez. Mais outra. Outra mais. E assim por diante. Um cavalo correndo em disparada, desembestado, passando pra lá e pra cá pelo terreiro. E os cachorros atrás ladrando naquele alvoroço. (IBIAPINA,p.43)

A figura do Cavaleiro-da-meia-noite perpassa as três gerações. Na segunda parte da obra, a pobre família de Marcos Fonseca, pai de Serapião, acaba se mudando para o que restava da Fazenda Canivete, abandonada por causa das assombrações. A seguir a passagem do Cavaleiro-da-meia-noite pela fazenda:

Pelas tantas da madrugada, quanto tudo em silêncio profundo, lá se vinha aquela estrovena. Ouviam-se aqueles tropelos de um cavaleiro ao longe. Daí a pouco, ele se aproximava. Aí passava pelo terreiro. Ia até adiante e voltava. Os cachorros naquela latomia sem termo, e o cavaleiro estranho passando pra lá e pra cá. (IBIAPINA, p. 149)

Na terceira geração, o Cavaleiro-da-meia-noite é rememorado pelo imaginário popular. Em certa passagem dentro do cemitério Covinha-dos-anjos, Jacobino, tio de Serapião, diz ter tido a seguinte visagem: “Mas vi coisa sem comparação pior. Um moço montado num cavalo branco com uma moça na garupa(...) Atrás dele, dois cavaleiros (um era negro) cada um com uma lança.” (p.236). As evidências vistas e comparadas com as assombrações do passado colaboraram para que o povo pensasse ser o Cavaleiro-da-meia-noite acompanhado por Eudácia e os outros dois cavaleiros seriam Domingão e Pellegrini, contratados na época para matar Laureano.

Dentre as visagens, elementos imaginários e assombrações que aparecem na Fazenda Canivete constam o Moço-das-horas-mortas, cujo “aparecera a Serapião e pedira-lhe que mandasse celebrar missas em benefício de sua alma. Aliás, sete missas em sete sextas-feiras em seguida.” (p.159); o Homem-dos-ares que era “um vulto de gente trajando roupa um tanto tirando para clara. Homem. Mas

passando numa rapidez de ninguém notar-lhe os traços. Bem rápido e sereno, assim como se acima do chão. Não mudava passos, como uma coisa conduzida pelo vento.” (p. 269). Ainda na Fazenda, muitas vezes apareciam como assombrações macacos, vozes, bichos com rabo e chifres e acontecimentos estranhos, como cabelo, ossos e olhos dentro de uma panela, como no seguinte episódio: “Ao chegarem a cozinha, Tetê apanhou uma colher-de-pau para mexer uma panela de feijão-misturado. Então verificou logo aquela coisa esquisita dentro da comida. Que coisa horrível e repugnante! Além de terra, um tufo de cabelos, dois ossos como se de perna de criança e um sapo seco. Tal caso movimentou a casa toda. (p.88)”

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O registro por meio da literatura é de grande valor histórico, intelectual e cultural, pois é fonte de divulgação do verossímil, ou seja, daquilo que se aproxima da realidade vivida, daquilo que poderia ser real, mas que por ventura está apenas nos livros.

Esse registro histórico, intelectual e cultural ganha uma característica linguística e semântica diferente quando são explorados elementos pertencentes e característicos do imaginário. O fictício, coerente com o seu contexto, enriquece o texto uma vez é através da reconstrução, da recriação do real que montamos o imaginário. Em *Curral de assombrações*, toda a história é um emaranhado de registros populares resultantes do imaginário, portanto é um elemento indispensável à linguagem conotativa presente na literatura.

Ao mergulhar nas raízes de um povo e traduzir por meio da linguagem sua cultura, o escritor reavive todo um povo e imortaliza suas histórias, daí a importância do cultivo e da valorização daquilo que é produzido por autores da

nossa terra, que cantam aquilo que vivemos de forma lúdica, imaginária e por que não real.

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*: tradução Antonio de Pádua Danesi. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BRITO, Stela Maria Viana Lima. *A construção da identidade regionalista em Chão de meu Deus de Fontes Ibiapina*. Teresina: Grafiset, 2004.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 10ª ed., Ediouro, Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. *Literatura oral no Brasil*. 3. Ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia: São Paulo, 1984.

DICIONÁRIO Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. *Antônio Houaiss* Dicionário. ISBN: 8573023961

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. Tradução Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora UNESC, 2005.

FONTES Ibiapina ganha concurso e edita livro. *O Dia*, Teresina, 13 e 14 mai. 1984.

IBIAPINA, Fontes. *Curral de assombrações*. Teresina, Projeto Petrônio Portella, 1985. 347 p. ilustr.

ISER, A. Wolfgang. *O Fictício e o Imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*. Tradução de Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

LAPLANTINE, François. TRINDADE, Liana Sálvia. *O que é imaginário*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

MACHADO, Irene. *Literatura e redação: os gêneros literários e a tradição oral*. São Paulo: Ed. Scipione, 1994.

NOVA ENCICLOPÉDIA BARSA. São Paulo: Encyclopédia Britannica do Brasil Publicações, 2000. Vol.9.

PITTA, D. P. R. *Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand*. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2005.

RABELO, E. A. *A história entre tempos e contratempos: Fontes Ibiapina e a obscura invenção do Piauí*. 2008. 202 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

REVISTA PRESENÇA.AIV, nº10. Secretaria da Cultura, Desportos e Turismo do Piauí. Janeiro/março de 1984, p.10-12.

TURCHI, Maria Zaira. *Literatura do imaginário*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

VOTO de louvor a Fontes Ibiapina. *Jornal da Manhã*, Teresina, 15 mai. 1984. p.5.